

CARTAS-RELATÓRIOS EM UM ESTÁGIO SUPERVISIONADO EM PSICOLOGIA ESCOLAR NO CONTEXTO PANDÊMICO

■ LADISLAU RIBEIRO DO NASCIMENTO

<https://orcid.org/0000-0002-6980-706X>

Universidade Federal do Tocantins

RESUMO

Este artigo tem como objetivo relatar uma experiência de ensino apoiada no uso de cartas-relatórios. A estratégia foi empregada ao término de uma prática de estágio supervisionado em Psicologia Escolar e Educacional (PEE). Durante o estágio, um grupo de dez estudantes do sétimo período do curso de Psicologia da Universidade Federal do Tocantins (UFT) realizou uma intervenção psicossocial em formato *on-line*. O trabalho elegeu como público-alvo um grupo de 20 professores da Educação Básica, com o objetivo de criar espaços para reflexões e diálogos acerca de suas experiências cotidianas no contexto pandêmico. Após a realização de quatro encontros temáticos com o público mencionado, seguidos da produção coletiva de relatórios parciais, solicitou-se de cada estagiária(o) a escrita de uma carta-relatório. Esse recurso foi pensado como estratégia para abrir espaços de reflexão sobre os fazeres ao longo do estágio. Além disso, buscou-se estimular identificação, expressão e circulação de afetos suscitados naquela experiência. As cartas-relatórios permitiram o engajamento dos estagiários em processos de escrita que resultaram em criações imaginativas, lembranças sobre percursos trilhados dentro e fora da universidade, reflexões, análises e considerações sobre os efeitos das atividades realizadas no campo do estágio.

Palavras-chave: escritas de si; cartas; subjetividade.

ABSTRACT

LETTERS-REPORTS IN A SUPERVISED INTERNSHIP IN SCHOOL PSYCHOLOGY IN THE PANDEMIC CONTEXT

This article aims to report a teaching experience based on the use of letter-reports. The strategy was used at the end of a supervised internship practice in School and Educational Psychology (SEP). During the internship, a group of ten students from the seventh period of the Psychology Course of the Federal University of Tocantins (FUT)

performed a psychosocial intervention in online format. The work elected as target audience a group of twenty teachers of Basic Education, with the objective of creating conditions for reflections and dialogues about their daily experiences in the pandemic context. After four thematic meetings with the mentioned public, followed by the collective production of partial reports, each intern was asked to write a letter-report. This resource was designed as a strategy to stimulate reflections on the activities throughout the stage. In addition, we sought to promote the identification, expression and circulation of affections raised in that experience. The report letters allowed the engagement of trainees in writing processes that resulted in imaginative creations, memories about paths trodden inside and outside the university, reflections, analyses and considerations about the effects of activities carried out in the field of internship.

Keywords: writings of you; letters; subjectivity.

RESUMEN **CARTAS-INFORMES EN UNA PRÁCTICA SUPERVISADA EN PSICOLOGIA ESCOLAR**

Este artículo tiene como objetivo informar una experiencia docente basada en el uso de informes de cartas. La estrategia se utilizó al final de una práctica de prácticas supervisadas en Psicología Escolar y de la Educación (PEE). Durante la práctica, un grupo de diez estudiantes del séptimo período del Curso de Psicología de la Universidad Federal de Tocantins (UFT) realizó una intervención psicosocial en formato online. El trabajo eligió como público objetivo a un grupo de veinte docentes de Educación Básica, con el objetivo de crear espacios de reflexión y diálogo sobre sus experiencias cotidianas en el contexto de pandemia. Después de cuatro reuniones temáticas con el público mencionado, seguidas de la producción colectiva de informes parciales, se pidió a cada pasante que escribiera una carta-informe. Este recurso fue concebido como una estrategia para abrir espacios de reflexión sobre las actividades a lo largo de la etapa. Además, se buscó estimular la identificación, expresión y circulación de los afectos planteados en esa experiencia. Las cartas del informe permitieron la participación de los aprendices en procesos de escritura que dieron lugar a creaciones imaginativas, recuerdos sobre caminos recorridos dentro y fuera de la universidad, reflexiones, análisis y consideraciones sobre los efectos de las actividades realizadas en el campo de las prácticas.

Palabras claves: escritos de sí mismo; correspondencia; subjetividad.

Introdução

A pandemia surpreendeu o mundo. De repente, um vírus se espalhou pela cidade de Wuhan, na China, e tomou conta de diferentes lugares do planeta, colocando milhares de pessoas em situação de alerta. O ano 2020 jamais será esquecido. No Brasil, por volta da segunda semana de março, inúmeros estabelecimentos tiveram de ser fechados em decorrência das medidas emergenciais postas em funcionamento.

Restaurantes, bares, teatros, cinemas, colégios, universidades, dentre outros, deixaram de funcionar em condições normais. Em muitos casos, houve adaptação imediata dos estabelecimentos formativos, com a implantação do formato remoto apoiado no uso de Tecnologias Digitais de Informação e Comunicação (TDIC). Em outros, contudo, as aulas foram suspensas.

Na Universidade Federal do Tocantins (UFT), onde o autor deste texto leciona disciplinas da área de Psicologia Escolar e Educacional no curso de Psicologia, além de compor o colegiado do Programa de Pós-Graduação em Ensino em Ciências e Saúde (PPGECS), as aulas foram retomadas após um período de suspensão. Naquele momento, adotamos o modelo de aulas *on-line* alternadas com o ensino a distância.

No segundo período letivo de 2021, o autor deste artigo supervisionou uma prática de estágio em Psicologia Escolar e Educacional (PEE) que envolveu a participação de um grupo de dez estudantes do curso de Psicologia, além do público-alvo das ações formado por 20 professores da Educação Básica, todos vinculados a uma escola estadual do Tocantins.

O trabalho foi desenvolvido como uma intervenção psicossocial (NEIVA, 2010), no formato *on-line*, a partir de uma plataforma que permitiu a realização de quatro encontros síncronos com o grupo de professores. Buscamos criar espaços para a circulação da palavra en-

tre os participantes, a fim de que pudessem compartilhar vivências, sentimentos e reflexões sobre vida e trabalho em meio à pandemia.

O trabalho de intervenção foi apoiado em conceitos da Análise Institucional (LOURAU; LAPASSADE, 1972) e da pesquisa-intervenção (ROMAGNOLI, 2014), além de ter sido inspirado em análises e no pensamento de Michel Foucault acerca dos modos de subjetividade engendrados nas chamadas instituições disciplinares, incluindo a escola, a universidade e suas práticas (FOUCAULT, 2002). Desse modo, adotamos um arranjo teórico-metodológico com base no entendimento de que uma realidade pode ser conhecida a partir do momento em que ela está em movimento. Conhecemos um dado contexto quando nele produzimos mudanças. E quando somos capazes de acompanhar os efeitos de nossas práticas e das transformações delas decorrentes, por meio de análises, reflexões e produção de registros. Falaremos sobre um tipo específico de registro: a carta-relatório. Por enquanto, contudo, seguiremos com nossa introdução.

Os professores retornavam para as aulas presenciais depois de um período em que as atividades escolares haviam sido praticadas por vias remotas. De acordo com informações transmitidas pela diretora da escola, o corpo docente preparava atividades que eram impressas e entregues aos estudantes. Em um segundo momento, uma equipe da escola recolhia as produções e devolvia aos professores para conferência e atribuição de notas. Esse modo de trabalho perdurou por um pouco mais de um ano, quando um decreto do governador do estado obrigou o retorno gradual às atividades presenciais na Educação Básica.

Dias antes de iniciarmos nosso trabalho, aquele grupo participou de inúmeras reuniões

de planejamento para o retorno. Conforme relatado pelos professores ao longo dos encontros, muitos ali amargavam perdas provocadas pela covid-19. Alguns relataram terem desenvolvido sintomas de ansiedade e/ou depressão. Outros comentaram sobre o surgimento de tais problemas em amigos e familiares. A retomada dos trabalhos presenciais estava permeada por um misto de sentimentos que incluía medo, raiva, esperança e gratidão pela vida, conforme constatamos durante a intervenção.

Durante a prática do estágio supervisionado, o grupo de estagiários se encontrava semanalmente com o supervisor para os encontros de supervisão, cada um com duração de duas horas. Discutimos textos sobre os assuntos pertinentes à prática e fizemos os primeiros arranjos para a efetivação do trabalho. Colocamos em destaque a construção do dispositivo que seria posto a serviço da escola onde o estágio foi realizado. Além das supervisões semanais, vale observar que o grupo se reunia autonomamente antes e após os encontros de intervenção com a finalidade de planejar ações e compartilhar análises e impressões sobre o trabalho realizado.

No decurso dos encontros de supervisão, um dos textos mais impactantes ao supervisor e aos estagiários versava sobre a produção de “cartas-relatórios” (MACHADO, 2014) como dispositivo potente para levar estagiários de Psicologia à compreensão sobre suas implicações nos contextos em que praticavam estágio em Psicologia Escolar. Intitulado “Exercer a postura crítica: desafios no estágio em Psicologia Escolar”, o texto atribui à escrita de cartas-relatórios o potencial de criar condições para estagiários se perceberem no diagrama de forças em que se produz a realidade-alvo das intervenções.

Inspirada na filosofia da diferença e em pistas deixadas pelo pensador francês Michel

Foucault, Machado (2014) compreende a relevância dos movimentos através dos quais conceitos teóricos são pensados e utilizados como ferramentas capazes de nos aproximar da realidade em que praticamos nossos fazeres em Psicologia Escolar. No caso específico do estágio supervisionado pela referida autora, as intervenções foram desenvolvidas em escolas públicas de São Paulo a partir da atuação de estagiários do sétimo período do curso de Psicologia da Universidade de São Paulo (USP) (MACHADO, 2014).

Ao perceber nos relatos e discursos de estagiários uma ilusão de que estariam desconectados da realidade das escolas onde faziam estágio, Machado (2014) adotou o uso de cartas a fim de criar condições para estudantes de Psicologia se implicarem nas transformações e análises produzidas ao longo dos estágios. Nas palavras da autora:

As cartas-relatórios têm sido um exercício importante para os estagiários se perceberem no interior dos fatos: por serem palavras que visam a afetar um campo relacional, a escolha destas exige reflexões sobre os efeitos que produzem. No início, ocorrem muitas generalizações, definições que fecham a existência ao colocar as pessoas como sujeitos das frases, sujeitando-as aos acontecimentos (‘os professores não têm disposição’, ‘os alunos não prestam atenção’, ‘a mãe não foi ouvida’), [...] todavia, durante o estágio, vão conseguindo transformar a forma de escrever e a maneira de agir. (MACHADO, 2014, p. 768).

Esse texto disparou no supervisor a ideia de utilizar a escrita como ferramenta capaz de criar fissuras em nosso modelo de ensino atravessado pelos dispositivos disciplinares e assujeitadores (FOUCAULT, 2002), em que a pretensão de neutralidade herdada do positivismo insiste em se fazer presente nos gestos e nas práticas fomentadas no âmbito acadêmico, sobretudo através da escrita. Assim, propusemos a elaboração das cartas-relatórios,

após o grupo ter entregado quatro relatórios parciais nos moldes tradicionalmente conhecidos, escritos em terceira pessoa, com estrutura-padrão contendo descrição das atividades, desenvolvimento e impressões dos estagiários.

A carta poderia ser endereçada para si mesmo ou para qualquer pessoa, real ou imaginária, inserida ou não no cotidiano do estagiário. Após finalizada, seria encaminhada ao supervisor como trabalho final do estágio.

Essa proposta visou criar condições para os estudantes relatarem seus percursos ao longo do estágio, incluindo a produção de análises, reflexões e o apontamento sobre sentimentos e outras afetações decorrentes da participação no estágio.

Neste artigo, compartilhamos fragmentos das cartas acompanhados de análises e considerações sobre os alcances desse dispositivo de criação, invenção e (trans)formação. Antes disso, entretanto, discorreremos brevemente sobre o arranjo teórico deste trabalho.

Ferramentas conceituais que inspiram o uso das cartas-relatórios

Em uma conversa profícua com Michel Foucault acerca dos papéis, limites e alcances das ciências e dos intelectuais em diferentes domínios da sociedade, Gilles Deleuze teceu uma crítica ao modo hegemônico de se conceber verdade e conhecimento, atribuindo às teorias, de um modo geral, uma função prática. Nas palavras do pensador,

[...] uma teoria é uma caixa de ferramentas. Nada tem a ver com o significante. É preciso que sirva, é preciso que funcione. E não para si mesma. Se não há pessoas para utilizá-la, a começar pelo próprio teórico que deixa então de ser teórico, é que ela não vale nada ou que seu momento ainda não chegou. (p.71).

Esse fragmento, extraído do livro *Microfísica do poder* (FOUCAULT, 1979), coloca em discussão um modo hegemônico de se produzir conhecimento. Segundo os pensadores em destaque, conhecimento é produção. Ambos mantêm uma postura crítica diante da ideia de que o conhecimento resulta de um suposto desvelamento de verdades dadas *a priori*.

Produzimos aquilo que situamos como objeto do conhecimento. Produzimos as condições de análise dos objetos do conhecimento associados com as nossas pesquisas. Em um texto intitulado “A casa dos loucos”, que também compõe o livro mencionado, Foucault (1979) aponta os momentos cruciais da história em que teríamos transitado de um modelo de produção de verdade para outro. Segundo o autor, desde a Antiguidade, passando pela Idade Média, utilizavam-se artifícios para o desvelamento de uma suposta verdade passível de ser descoberta em algum lugar. Havia uma cisão entre pesquisador e objeto de pesquisa. Caberia ao sujeito do conhecimento o melhor ângulo e os instrumentos mais adequados para capturar uma dada verdade acerca de um dado fenômeno.

Com a organização da sociedade através da construção dos chamados Estados, incluindo a construção de seus ordenamentos legais e de todo um aparato de práticas jurídicas, a verdade passou a ser produzida. O que estava em jogo nos tribunais não era exatamente a verdade por trás de cada caso, mas sim as análises e as práticas discursivas empreendidas pelos sujeitos do Direito (advogados, promotores e juizes). Verdades passaram a ser produzidas. Em fins do século XVIII, no campo da Química e da Eletricidade, a possibilidade de replicar testes e de controlar a produção de fenômenos através de experimentações laboratoriais viabilizou um modo de produção de verdade distante daquele situado na Antiguidade e na Idade Média.

Se existe uma geografia da verdade, esta é a dos espaços onde reside, e não simplesmente a dos lugares onde nos colocamos para melhor observá-la. Sua cronologia é a das conjunções que lhe permitem se produzir como um acontecimento, e não a dos momentos que devem ser aproveitados para percebê-la, como por entre duas nuvens. (FOUCAULT, 1979, p. 95).

Nessa perspectiva, portanto, a teoria deixa de representar uma suposta verdade. Do mesmo modo, um autor deixa de ser o “proprietário” de uma obra ou de um saber. Consequentemente, a escrita passa a ser entendida de outro modo. A esse respeito, trazemos o fragmento de um prefácio de Foucault à reedição de seu livro *História da loucura na Idade Clássica*, quando escreveu:

Gostaria que esse objeto-evento, quase imperceptível entre tantos outros, se recopiasse, se fragmentasse, se repetisse, se simulasse, se desdobrasse, desaparecesse enfim sem que aquele a quem aconteceu escrevê-lo pudesse alguma vez reivindicar o direito de ser seu senhor, de impor o que queria dizer, ou dizer o que o livro devia ser. Em suma, gostaria que um livro não se atribuísse a si mesmo essa condição de texto ao qual a pedagogia ou a crítica saberão reduzi-lo, mas que tivesse a desenvoltura de apresentar-se como discurso: simultaneamente batalha e arma, conjunturas e vestígios, encontro irregular e cena repetível. (FOUCAULT, 2005, p. viii).

Esse excerto nos mostra como Foucault (2005) entendia a escrita e a função de um autor. Escrever era praticar um modo de existência. A escrita não teria condições de representar uma ideia preexistente. Devia ser pensada e utilizada como estratégia de resistência e de libertação. Nas palavras de Foucault (2006, p. 81): “gostaria de escapar desta atividade fechada, solene, redobrada sobre si mesma, que é, para mim, a atividade de colocar palavras no papel”. Em outro trabalho, ele afirma: “[...] sou um experimentador no sentido em que crevo para mudar a mim mesmo e não mais

pensar na mesma coisa de antes” (FOUCAULT, 2010, p. 290).

Essas citações trazem pistas para entendermos como as cartas-relatórios foram definidas e utilizadas neste trabalho. Não buscamos, através dos textos produzidos, o desvelamento do que seria a verdade de cada estagiário. As cartas funcionaram como dispositivo capaz de abrir campo para imaginação, expressão de sentimentos, produção de análises e de reflexões sobre o trabalho desenvolvido. Desse modo, operaram como dispositivos de produção subjetiva.

O conceito de subjetividade aqui adotado não sugere a existência de um plano interior aos indivíduos, onde haveria lugar para uma chamada dimensão subjetiva. Subjetividade é produção incessante, não sendo “[...] passível de totalização ou de centralização no indivíduo” (GUATTARI; ROLNIK, 1996, p. 31). Efeito de discursos, relações de poder, práticas e jogos de verdade situados em diferentes domínios sociais, não se constitui como unidade definida, suscetível de ser descrita, classificada ou adjetivada. Subjetividade é produção agenciada através de processos coletivos, envolvendo uma multiplicidade de forças atreladas a concepções, desejos, valores, ideias e sentidos imbricados em diferentes modos de existência (DELEUZE; GUATTARI, 1996).

A escrita das cartas-relatórios, nessa perspectiva, desponta como uma possibilidade de afirmação de si a partir dos chamados modos de subjetivação. Aqui, mais uma vez, buscamos em Michel Foucault algumas pistas para pensarmos nos possíveis efeitos desse tipo de produção.

Modos de subjetivação podem ser pensados como práticas de constituição de sujeitos. Em uma de suas últimas análises e publicações, o pensador francês se debruçou sobre estudos acerca dos modos pelos quais homens livres se constituíam como sujeitos na cultura

greco-romana (FOUCAULT, 2007; 2010). Assim, analisou como desenvolviam tecnologias de “cuidado de si” que os colocava em condição de governar outras pessoas. Quem fosse capaz de viver uma vida boa e bela, por meio da adoção de cuidados com o corpo e com a alma, mostrava-se apto para lidar com as questões mais importantes de uma cidade. A ética do cuidado de si presente naquela cultura foi definida como

[...] uma arte da existência que gravita em torno da questão de si mesmo, de sua própria dependência e independência, de sua forma universal e do vínculo que se pode e deve estabelecer com os outros, dos procedimentos pelos quais se exerce seu controle sobre si próprio e da maneira pela qual se pode estabelecer a plena soberania sobre si. (FOUCAULT, 1985, p. 234).

Um pouco mais adiante na história da cultura greco-romana, mais especificamente no período imperial, a escrita passou a ser utilizada como estratégia para preservação de uma “estética da existência” (FOUCAULT, 2009).

Parece não haver dúvida que, entre todas as formas que tomou este adestramento (o que comportava abstinência, memorizações, exames de consciência, meditações, silêncio e escuta do outro), a escrita – o fato de se escrever para si e para outrem – só tardiamente tenha começado a desempenhar um papel considerável. Em todo o caso, os textos da época imperial que se referem às práticas de si concedem uma grande parte à escrita. É preciso ler, dizia Sêneca, mas escrever também. É Epicteto, que, todavia não ministrou senão um ensino oral, insiste repetidas vezes no papel da escrita como exercício pessoal: deve-se ‘meditar’ (*meletan*), escrever (*graphein*), treinar; ‘possa a morte arrebatarme enquanto penso, escrevo, leio’. (FOUCAULT, 2009, p. 133).

A partir de seus estudos, Foucault (2009) apontou duas formas escritas desempenhadas como práticas de cuidado de si: a *hypomnemata* e a correspondência. O primeiro termo refere-se a escritos gregos que incluíam notas,

registros, rascunhos, lembranças. O segundo, por sua vez, indica uma escrita de si endereçada a alguém.

Em relação à primeira forma de escrita, Foucault afirma:

Não haverá que considerar esses *hypomnemata* como um simples suporte de memória, que poderia consultar a cada tanto, caso se apresentasse a ocasião. Eles estão destinados a substituir a recordação eventualmente débil. Eles constituem, antes, um material e um quadro para os exercícios a realizar frequentemente: ler, reler, meditar, conversar consigo mesmo e com os outros etc. Trata-se de constituir um *logos boéthikos*; um equipamento de discursos que servem de ajuda, suscetíveis, como diz Plutarco, de levantar eles mesmos a voz e de fazer calar as paixões, como um amo que com uma palavra aplaca o latido dos cães. (FOUCAULT, 2009, p. 221).

O *hypomnemata* auxiliava a memória, indicava possibilidades e servia de apoio para a produção da “correspondência”: tipo de escrita apoiada em registros e fragmentos do cotidiano de quem o produzia, a exemplo das “cartas-relatórios” produzidas pelos estagiários.

A correspondência tem um potencial de agir sobre quem escreve e sobre quem lê.

“[...] A carta que se envia age, por meio do próprio gesto da escrita, sobre aquele que a envia, assim como, pela leitura e releitura, age sobre aquele que a recebe” (FOUCAULT, 2004, p. 153).

Na produção das “cartas-relatórios”, conforme exposto nas seções seguintes, estagiários recorreram a lembranças de encontros e experiências datadas desde muito antes de ingressarem na universidade. Do mesmo modo, resgataram registros da intervenção para analisarem a própria experiência ao longo do estágio, apontando para processos de subjetivação disparados pelo que podemos associar às práticas de “escritas de si” (FOUCAULT, 2009).

As cartas como espaço para registros, anotações e auxílio à memória

Dedicamos esta seção para apresentarmos fragmentos de cartas cujo remetente escolheu a si como destinatário. De um total de dez estagiários, seis fizeram esse tipo de endereçamento. Conforme apontado por Foucault (2009), uma forma de “escrita de si” não exclui a outra. A chamada *hypomnemata* pode estar atrelada às correspondências, embora cumpra a função de preservar memórias e servir de apoio ao autor. Vejamos alguns exemplos extraídos das cartas-relatórios.

Uma discente propôs um “auxílio à memória”. Seu texto versou sobre a prática de estágio de um modo contextualizado, levando em consideração a dimensão macropolítica e as condições sanitárias no Brasil e em outras partes do mundo.

A pandemia mudou a forma do mundo se relacionar. A presencialidade precisou ser ‘cancelada’, palavra que está na moda no momento, ou talvez nem esteja mais, as coisas estão assim, rápidas. No lugar da presencialidade temos as novas formas de encontros remotas. Nunca estivemos tão online. Praticamente tudo agora está sendo assim, inclusive as aulas na faculdade. Pelo menos é assim comigo que tenho computador, moro em um centro urbano, tenho sinal e internet em casa e um ambiente tranquilo pra estudar. Para alguns alunos da minha universidade só houve o cancelamento mesmo, não houveram outras possibilidades de encontro. Para outros brasileiros a presencialidade nem chegou a ser cancelada já que não puderam parar de pegar ônibus pra ir trabalhar. E infelizmente, para muitos desses a presencialidade acabou definitivamente, e o remoto também. (Tereza, estudante de Psicologia).

O fragmento exprime um modo sensível de se relacionar com o mundo¹. Situações cotidianas são articuladas com os acontecimentos

¹ Os nomes de todos os participantes são fictícios

mais significativos da época. Com a plasticidade das escritas possíveis nesse tipo de texto, o olhar para o contexto de imediato muda seu curso em um voltar-se para si:

[...] tem dias que só consigo sentir aquele pessimismo absoluto. Em outros dias o desejo de transformação desse cenário é mais forte. Neste momento que inicio a parte mais prática da graduação, anseio para que os dias de força prevaleçam. Começo a entender o papel político e social da profissão que escolhi, por isso também o relato da atividade que virá a seguir. No futuro quero ler e lembrar como as coisas começaram e espero que as circunstâncias estejam melhores. É por isso também que escrevo tudo isso aqui. Afinal, lembrar da história é fundamental para transformar o presente e o futuro. (Tereza, estudante de Psicologia).

O trecho “No futuro quero ler e lembrar como as coisas começaram e espero que as circunstâncias estejam melhores. É por isso também que escrevo tudo isso aqui” faz coro com a nossa compreensão de que as cartas-relatórios se configuram como “escritas de si” que se intercalam entre *hypomnemata* e correspondência.

Em outro registro endereçado a si, um estagiário deslocou-se a um tempo passado. Produziu um texto como se estivesse no ano de 2014. Assim, retomou vivências daquela época para conectá-las às experiências do presente em uma espécie de correspondência entre o “eu do passado” e o “eu do presente”.

O objetivo do envio desta carta não é te falar para mudar as coisas da sua época (eu sei que você faz/fez o que pode), mas te avisar que, como sujeito você está construindo algo muito legal e irá perceber isso mais na frente, em 2021, ano em que você estudará psicologia em uma universidade federal. (Vitor, estudante de Psicologia).

Interessante notar, outra vez, a possibilidade de o autor se deslocar de um tempo a outro para se manter conectado ao presente: “eu sei que você faz/fez o que pode”. A oportunidade

de refletir sobre o passado a partir de experiências do presente, associada ao reconhecimento do que se produziu e do que se pode produzir, coloca o sujeito em um lugar de ação e de reflexão. O direcionamento de um olhar para si mesmo em um movimento de transformação da realidade através da prática parece potencializar a ação dos sujeitos.

A esse respeito, vale mencionar o trecho de outra carta endereçada a si, em que uma estagiária expôs o seguinte lembrete na parte superior da página: “Leia quando não acreditar na sua voz” (Andréa, estudante de Psicologia). Depois de registrar lembranças dos inúmeros desafios enfrentados para conseguir realizar as atividades de estágio sem negligenciar demandas importantes em seu convívio familiar, reconheceu a importância do acolhimento encontrado no grupo de estagiários.

Foram quatro encontros, com muita reflexão antes de tudo acontecer de fato, com muitas reuniões. Neste trabalho o apoio das companheiras de grupo foi o mais importante de tudo, além da confiança delas em mim [...]. (Andréa, estudante de Psicologia).

Além disso, conseguiu se afirmar enquanto alguém capaz de se colocar naquele lugar de modo ativo. Nesse sentido, o envolvimento com a prática foi crucial.

[...] ali, eu simplesmente resolvi aparecer e me forçar a falar. E, foi ali que eu criei coragem para aparecer em outras aulas, para falar em outras aulas, para aparecer em *stories* (ainda que fosse apenas no *close friends*), foi ali que eu tive coragem de ligar para pessoas que não via há anos e liguei a câmera. Achei tudo isso um grande passo. (Andréa, estudante de Psicologia).

Em outra carta com características de *hypomnemata*, havia a seguinte introdução:

Não sei quando irá ler esta carta. Talvez daqui 6 meses, ou 1 ano, ou talvez 10 anos. Eu só sei que irá ler, pois conheço você melhor do que qualquer outra pessoa e sei que você (assim como

eu que também sou você) tem essa mania de ficar vendo e revivendo o passado. (Ruth, estudante do curso de Psicologia).

Interessante observar como a carta-relatório endereçada a si mesmo cumpre essa função de registro, de apoio para prováveis momentos em que estar consigo seja um modo de se proteger. Em um movimento parecido, uma discente escreveu:

Vai ser muito importante ler isso sempre que o desânimo e a tristeza tentar tomar espaço, a escrita me aproxima de mim e essas vivências descritas fazem toda a diferença em quem eu sou. (Beatriz, estudante do curso de Psicologia).

Mais uma vez, a escrita desponta como recurso de apoio para o direcionamento de um olhar sobre si. Observa-se, do mesmo modo, uma compreensão de que os registros podem ser consultados sempre que a vontade ou a força se esvaecer.

Por fim, outra carta em que o remetente se colocou como destinatário corrobora nossas análises sobre a potência deste tipo de produção.

Quero que saiba ainda, que vejo tudo como uma construção, desde os primeiros semestres quando as coisas pareciam não fazer muito sentido. Era muito complexo ser extremamente racional e entrar no curso onde a maioria das respostas parecia ser ‘depende’. Hoje percebo o quanto tudo faz sentido, o quanto aprendi, o quanto tudo foi agregando valor na minha vida, em todos os aspectos, enquanto pessoa, nas minhas relações, enquanto profissional. (Rita, estudante de Psicologia).

Nesse caso, a autora evoca lembranças dos momentos de dificuldades enfrentados em outros momentos do curso. Outra vez, a dimensão prática da atuação se mostra fundamental para apontar direções e levar estudantes à compreensão de que são capazes de atuar na área de formação. E a oportunidade de colocar em palavras os efeitos das experiências

produz afetos importantes para quem escreve se afirmar enquanto sujeito capaz de pensar, refletir, fazer e transformar.

Na próxima seção, destinamos espaço para a exposição de fragmentos das cartas-relatórios endereçadas a outras pessoas, tendo sido entendidas como correspondências.

As cartas-relatórios endereçadas e pensadas como correspondência

Quatro discentes endereçaram sua respectiva carta para outra(s) pessoa(s). Uma elegeu como remetente dois membros do próprio grupo. Outra escolheu seus avós como destinatários. Por fim, duas endereçaram ao supervisor do estágio – autor deste artigo. Observa-se o fato de as cartas tomadas como correspondência indicarem um posicionamento em que o autor procura manter uma relação com um outro. Há um movimento em direção ao destinatário. A sua escrita leva o autor a um trabalho sobre si ao passo que se busca alcançar outrem.

Então, decidi escrever para você mesmo (supervisor do estágio), como um leitor do meu processo singular relacionado ao estágio, e ainda, gostaria de pontuar que tentarei não focar muito nos aspectos teóricos e específicos do estágio, mas sim, em como e de que maneira ele me afetou. Primeiramente devo confessar que estava muito insegura com o início da intervenção, pois foi nosso primeiro contato com a prática. Estávamos lidando com professores (uma classe que nós temos um pouco de receio em trabalhar, visto que ainda somos alunos) e além disso, eu estava muito duvidosa da minha capacidade em lidar com grupos tão grandes. Entretanto, o enfrentamento desses medos pode ser sanado (mesmo que em dose média) quando iniciaram-se as mediações, e principalmente quando participei da mediação da segunda roda, visto que pude ter uma participação mais ativa com o grupo e acredito ter feito um bom trabalho neste dia. (Laura, estudante de Psicologia).

A correspondência parece incitar na autora um olhar sobre o diagrama de forças em que os processos de subjetividade são engendrados. Consideram-se o lugar e o papel desempenhado pelo destinatário: “devo confessar que estava muito insegura com o início da intervenção” (Laura, estudante de Psicologia).

Nesse movimento de “olhar para fora”, quem produziu correspondência discorreu com mais frequência sobre o grupo de estagiários, bem como parece ter colocado elementos de contexto em análise ao longo da escrita.

Quando as aulas foram suspensas, alguns alunos continuaram a estar vinculados a alguns projetos da faculdade, outros não. Cada um começou a viver os efeitos da pandemia de forma muito particular. Muitas coisas diferentes aconteceram com cada aluno. Mas de qualquer forma, nossas aulas voltaram em outubro... Tivemos períodos letivos muito curtos, de três meses e meio, em média. Esse primeiro período foi um pouco mais tranquilo, eram poucas matérias, tudo ainda muito incerto, estávamos voltando a nos adaptar à rotina da Universidade e ainda era tudo muito experimental. (Brunna, estudante de Psicologia)

Na mesma perspectiva, constataram-se olhares para a dinâmica do próprio grupo de estagiários.

[...] o grupo sempre se fez muito coeso e comunicativo, [...] debatíamos sobre as teorias para construir uma estrutura que nos guiasse para amparar um pouco as incertezas que hora ou outra permeavam. [...] Conseguimos comunicar nossas inseguranças uns aos outros e nos apoiarmos durante as intervenções, tal como dialogar com nossas impressões após os encontros e isso tudo foi além das minhas expectativas. (Adriana, estudante de Psicologia).

Por fim, as correspondências abriram possibilidades para estagiários produzirem análises de implicação (ROMAGNOLI, 2014), a partir da compreensão sobre como produzimos e transformamos realidades. Somos afetados e afetamos o *outro* em relação.

[...] Perceber como esse momento afetou a todos e que os professores (público-alvo) sentiam o mesmo desamparo que eu também senti muitas vezes, que a insegurança e o medo do futuro perpassam todos os ambientes, e então de alguma maneira contribuir para construir um espaço que eles pudessem expressar seus afetos, foi muito importante. [...] Entendo agora ao escrever essa carta que toda experiência, mesmo individual, influencia na nossa caminhada, nos nossos interesses. [...] O individual e o coletivo se entrelaçam em uma dança quase silenciosa, mas muito potente. (Liz, estudante de Psicologia).

Esse excerto indica o potencial da escrita como ação reflexiva e ativa. A estagiária-autora aponta para o momento em que pode perceber conexões entre tempos e espaços comumente tratados como se fossem opostos e distantes, quando muitas vezes situam-se no mesmo plano, compondo um diagrama de forças capaz de instituir modos de subjetividade e de produção subjetiva (FOUCAULT, 2009; GUATTARI; ROLNIK, 1996).

As “cartas-relatórios” produzidas como *hypomnemata* e/ou correspondência operam como dispositivos de produção subjetiva. São recursos com potencial para oferecer resistência à hegemonia das práticas formativas calcadas em tradicionalismos e cientificismos tão presentes na formação acadêmica.

Considerações finais

Este trabalho mostra como podemos lançar mão de estratégias de ensino apoiadas em recursos criativos e inventivos. Encontramos espaços para imaginar e criar possibilidades, mesmo em situações de ensino e de aprendizagem balizadas pelo rigor.

As cartas-relatórios viabilizaram movimentos de reflexão, análise, rememoração e afirmação, produzindo fissuras e brechas nos arranjos fechados, austeros e atravancados pelas práticas calcadas na lógica disciplinar.

As formas de “escrita de si” praticadas neste trabalho indicam a relevância deste recurso operado como dispositivo capaz de promover modos de subjetivação resistentes. Instituir práticas reflexivas apoiadas na escrita é condição basilar para rompermos com práticas de assujeitamento e de aprisionamentos subjetivos na formação acadêmica.

Referências

- DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Félix. **Mil Platôs. Capitalismo e Esquizofrenia**. Rio de Janeiro: Editora 34.
- FOUCAULT, Michel. **História da Sexualidade III: O cuidado de si** (M. T. C. Albuquerque, trad.). Rio de Janeiro: Graal, 1985.
- FOUCAULT, Michel. **Microfísica do Poder**. Rio de Janeiro. Graal, 1979.
- FOUCAULT, Michel. **Vigiar e punir: História da violência nas prisões**. São Paulo: Ática, 2002.
- FOUCAULT, Michel. **Hermenêutica do Sujeito**. São Paulo: Martins Fontes, 2004.
- FOUCAULT, Michel. **História da loucura na Idade clássica**. 8. ed. São Paulo: Perspectiva, 2005
- FOUCAULT, Michel. Eu sou um pirotécnico. In: POL-DROIT, Roger. **Michel Foucault, entrevistas**. São Paulo: Graal, 2006. p. 67-100.
- FOUCAULT, Michel. **O que é um autor?** Lisboa: Ed. Veja, 2009.
- FOUCAULT, Michel. **O Governo de si e dos Outros**. São Paulo: Martins Fontes, 2010.
- GUATTARI, Félix; ROLNIK, Sueli. **Cartografias do desejo**, 4a edição. Petrópolis/RJ: Vozes, 1996.
- LOURAU, René; LAPASSADE, Georges. **Chaves da Sociologia**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1972.
- MACHADO, Adriana Marcondes. Exercer a postura crítica: Desafios no estágio em psicologia escolar. **Psicologia: Ciência e Profissão**, v. 34, p. 761-773, 2014. Disponível em: < <https://www.scielo.br/j/pcp/a/Nw9mW6YKsWCwQsfpLhTHt3m/?lang=pt> > Acesso em: 19 abr. 2022.

NEIVA, Kathia Maria Costa et al. **Intervenção psicossocial**: aspectos teóricos, metodológicos e experiências práticas. São Paulo: Vetor, 2010.

[NqxBHNRmdShkZcgZJ4zg5M/abstract/?lang=pt](https://doi.org/10.11606/issn1983-2403.pscoc.v26n1p44-52) >. Acesso em: 22 abr. 2022.

ROMAGNOLI, Roberta Carvalho. O conceito de implicação e a pesquisa-intervenção institucional. **Psicologia & Sociedade**, v. 26, p. 44-52, 2014. Disponível em: < <https://www.scielo.br/j/psoc/a/>

Recebido em: 26/04/2022

Revisado em: 20/11/2022

Aprovado em: 25/11/2022

Publicado em: 15/12/2022

Ladislau Ribeiro do Nascimento é doutor em Psicologia Social pela Universidade de São Paulo (USP). Professor no Curso de Psicologia e no Programa de Pós-graduação em Ensino em Ciências e Saúde da Universidade Federal do Tocantins (UFT). Grupo de Estudos e Pesquisas em Ensino em Saúde na Amazônia Legal (GEPESAL), Linha de Pesquisa: Ensino, Aprendizagem, Desenvolvimento Humano e Saúde em contextos formativos. *E-mail*: ladislaunascimento@uft.edu.br